

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2429

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 31 DE OUTUBRO DE 1925

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; Africa Portuguesa, 6 meses 102\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

O triunfo do fascismo e o povo italiano

Celebrou-se há dias, em Itália, o IV aniversário do triunfo do fascismo. Mussolini, como nos anos anteriores, redigiu uma mensagem dirigida aos «camisas negras», à milícia fascista que há quatro anos se apossou da Itália.

A mensagem está redigida com a inteligência; esta, porém, não supre a boa lógica e a sã verdade. Mussolini mentiu inteligentemente — mas mentiu. E nem por ser inteligente uma mentira deixa de o ser. A diferença que separava Mussolini de quase todos os outros ditadores da Europa se não é a dos processos de governo — é a diferença da mentalidade. Mussolini é esperto, inteligente — e os outros não o são. No fundo são, porém, todos irmãos. Todos governam, pela violência, não contra a vontade constitucional, que é uma ficção, mas contra a vontade do povo, que é uma verdade.

Gaba-se Mussolini, com certa habilidade, de ter destruído o predomínio dos preconceitos democrático-liberais. E em torno deste facto entrelaça uma grinalda de flores de retórica, como se mais do que à sua liberdade e à sua emancipação de todas as tutelas e ditaduras, ao povo trabalhador interessasse a derrota da democracia em favor do fascismo — ou mesmo o contrário que fosse.

Quem desprevenidamente ler a mensagem exaltada de Mussolini ficará com a impressão de que o fascismo levou a felicidade ao povo italiano.

Ele fala de tantas cousas bonitas, de aviação civil, exército poderoso, milícia florestal, passando, como gato por braças, sobre a desvalorização da lira, que o incauto deixar-se-há

embalar na doce ilusão de que não há miséria em Itália, de que os operários recebem pelo seu labor melhor paga e os patrões, longe de parasitarem no trabalho dos operários, nivelaram-se com estes, irmanando-se no mesmo labor e limitando seus ganhos aos proventos dos trabalhadores.

Se a resolução do problema social se tivesse na organização de um grande exército, na instituição da milícia florestal e no predomínio indiscutível do fascismo — Mussolini teria feito a ventura do povo italiano. Mas este só gozará de uma relativa felicidade quando não lhe assaltarem e destruírem os seus organismos de classe; quando ele se apossar do que social e logicamente lhe pertence: as terras, as oficinas, os instrumentos de trabalho; quando do seu labor não viva em franca parasitagem a burguesia capitalista; quando a instrução for acessível a toda a gente; quando se extinguirem todas as castas e classes para dar lugar a uma só classe — a trabalhadora, a que labuta nos laboratórios, nas oficinas e nos campos.

O fascismo apenas consolidou, pela violência, o predomínio das castas, insinuando falsas organizações de classe. O fascismo negou ao povo trabalhador as mais elementares liberdades; calçou a liberdade de reunião e a liberdade de imprensa, violou o direito tão humano e tão profundo de os povos livremente cuidarem dos seus próprios interesses.

Mussolini, a-pesar-do jogo malabar das suas palavras, não conseguiu ocultar a dolorosa verdade dos factos.

Notas & Comentários

Tambor um...

O sr. Ernesto Teixeira, aquele senhorio do prédio da «vila» Teixeira cuja empena desabou, escreveu-nos muito indignado dizendo que a responsabilidade do desmoronamento não lhe cabe, mas sim ao construtor civil sr. Fausto Fernandes, a quem incumbiu, há cerca de dois meses, de fazer as necessárias reparações. Diz-nos ainda o ingenuo senhorio que por não supor imminente a ruína do prédio não obrigou o sr. Fausto a iniciar imediatamente as obras.

Só quem não ouviu os clamores dos inquilinos do referido prédio é que poderá acreditar na perfeitíssima salvação do sr. Teixeira.

O prédio há dois meses que ameaça cair como leão ferido. Não admira, não moravam lá. Por isso os inquilinos que se amolavam.

São bem dignos um do outro, não há dúvida. Tambor um, caixa de rufo e outro.

Per bem fazer...

Na estação de caminho de ferro das Caldas da Rainha ocorreu há meses um desastre que deixou bastante penalizados os que a ele assistiram. Os empregados ferroviários solicitaram o auxílio de Pedro Pereira, a fim de fazerem subir para o «charriot» uma carruagem, que se encontrava num barracão. O Pereira acedeu, mas quando se desempenhava do trabalho foi colhido pelo rodado da carruagem, ficando com a perna direita esmagada, pelo que recolheu ao hospital de São José onde lhe foi feita a amputação daquela perna.

Depois do internamento dois funcionários da C. P. foram ao hospital colher informações do sucedido. Porém, até à data a C. P. não mais tornou a dar sinal de si, motivo por que nos escreve Pedro Pereira, dizendo-nos ter direito a uma pensão da companhia, visto que foi em serviço dela que ficou inutilizado.

O «crime» de bigamia

Um enfermeiro do Manicócio Miguel Bombarda foi acusado por sua esposa de lhe dar maus tratos e de a interior no referido estabelecimento, só com o fim de casar clandestinamente com outra mulher. Os jornais referiram-se ao caso e o arguido refutou a acusação declarando que sua mulher não estava no uso das suas faculdades mentais, único motivo do seu internamento no Manicócio.

Pelo que acabamos de ver nos jornais, a polícia terminou as suas diligências apurando que a pobre mulher está louca, não se tratando de um caso de bigamia como o princípio se supoz.

Prerrogativa odiosa

A Câmara Municipal do Porto, por sugestão da Associação de Proprietários de Automóveis de Praça, concedeu a estes uma odiosa prerrogativa que consiste no direito de «chaffeurs» da cidade invicta. Consiste essa prerrogativa em só poderem arrumar nas praças de aluguer determinados carros, tomando-se por base a antiguidade da licença. Mesmo que nessas praças existam vagos os «chaffeurs» dos outros carros, cujas licenças correspondem a outras praças, não podem arrumar naquelas. Devido a este privilégio, na Praça da Liberdade, um dos pontos mais procurados pelo cliente, às vezes há apenas um carro enquanto que em outros lugares de escassa frequência estacionam carros de que ninguém se aproveita.

Sucedendo ainda que os privilegiados pela Câmara, uma vez que não tinham concorrentes nas praças a que corresponde a licença, monopolizam o serviço e elevam a taxa das corridas. Porisso algumas pes-

Um importante inquérito do Suplemento de «A Batalha»

O Suplemento Literário de A Batalha que amanhã se publica é dos mais interessantes, já porque vem profundamente ilustrando, já porque além de apresentar a sua habitual e escolhida colaboração, abre um curioso inquérito entre os leitores e, principalmente, entre as leitoras sobre a vida social da mulher.

Pergunta-se às leitoras se a mulher deve ingressar nas profissões dos homens ou se deve especializar-se apenas nos trabalhos domésticos.

Este inquérito está destinado ao mais ruidoso êxito. Veremos qual dos dois critérios triunfará.

O Suplemento de amanhã insere dois formosos contos de autores estrangeiros, um humorístico e outro profundamente dramático. Alfredo Marques escreveu um artigo de flagrante actualidade sobre os desmoronamentos; Mário Domingues analisa a campanha em favor da salvação das raparigas; Nogueira de Brito refere-se à utilidade educativa dos museus.

Não mencionamos inúmeros pequenos artigos e crónicas para anunciarmos que não foram esquecidas as habituais e apreciadas secções. O que todos devem saber é Chico, Zeca & C.º.

Dr. Geraldino Brites

Insuperáveis exigências de paginação obrigam-nos a publicar na 2.ª página o artigo deste nosso prezado colaborador e ilustre lente da Universidade de Coimbra, pelo que chamamos a atenção dos nossos leitores.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Serão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

soas chegadas da capital do norte queixam-se das irregularidades dos preços nos serviços de automóvel, acusando os «chaffeurs» de não respeitarem a tabela.

Como as câmaras só lhes compete determinar o número de carros em cada praça, o privilégio concedido aos proprietários de carros do Porto não só representa uma prerrogativa odiosa como contribui para que o público seja constantemente lesado e servido como convenha aos detentores do monopólio da viação urbana.

Vogal consoante...

A comissão oficial do socorro ao Faial elegu-nos por aclamação ao vogal. A novidade foi para nós uma surpresa tão agradável que nunca mais esqueçamos. Sermos vogal de uma comissão oficial de socorro ao Faial, rima delicadamente, mas não bate certo. Porque isto de se ser vogal é consoante...

UMA MONSTRUOSIDADE

Sacco e Vanzetti devem ter sido executados esta noite

Ontem à tarde, colheu-nos de surpresa o seguinte telegrama:

NEW-YORK, 30. — Segundo se afirma, os dois comunistas italianos Sacco e Vanzetti, cujo recurso foi indeferido, serão executados esta noite.

Não há ainda porém comunicado oficial a tal respeito.-(L.)

A' hora em que os nossos leitores passaram os seus olhos sobre estas dolorosas linhas já Sacco e Vanzetti, os dois operários italianos, que o proletariado do mundo inteiro tem tentado arrancar às garras da justiça norte-americana, terão deixado de existir.

Há seis anos que dura esta luta tremenda de vida ou de morte. Há seis anos que, de um lado, a justiça burguesa, do outro, o povo trabalhador disputam aquelas duas vidas inocentes. Uma para destruí-las, outro, para salvá-las.

As campanhas jornalísticas mais audazes nos jornais operários do globo, entre os quais a Batalha sempre se distinguem, os comícios mais concorridos, as conferências mais impregnadas de lógica, têm sido realizados durante estes largos seis anos de febril combate. Empregaram-se os argumentos mais sólidos, fundaram-se jornais de propósito, escritos nos principais idiomas, para levar a todos os cantos da Terra a voz da verdadeira justiça — que era a voz do proletariado.

Os tribunais norte-americanos hesitaram por várias vezes, e ante, a avalanche de protestos e das razões interpostas por advogados conscienciosos, recusaram.

Acusavam Sacco e Vanzetti de um crime que eles não tinham cometido, visto que o seu verdadeiro autor, um emigrado português por sinal, espontaneamente se confessou seu autor. Mas como os acusados eram anarquistas, o ódio do capitalismo americano refinou, mais pelo prazer da vingança do que pela verdade dos factos.

O proletariado português, no concerto mundial foi dos que mais se distinguem no seu protesto. Porisso, para ele, como para o operariado universal, a execução daqueles dois camaradas reveste o aspecto antipático e brutal de uma bofetada, de uma ofensa lançada no seu rosto.

Perante o monstruoso facto, que tanto deve sensibilizar todos os corações bem formados, A Batalha ergue neste momento o seu mais veemente protesto, em nome do proletariado da região portuguesa. E na hora derradeira dessas vidas de mártires, para cuja merecida salvação vão os seus esforços, envia a expressão da sua solidariedade.

Vitimados pelo torvo ódio do capitalismo Sacco e Vanzetti acabam de tombiar para sempre; mas os seus nomes viverão eternamente na memória do proletariado. Mortos, os mártires vivem eternamente.

Gosta de Carvalho escalpelizou, no Porto, a grande iniquidade da justiça norte-americana

Na Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Giestra (Porto), efectuou-se uma conferência-protesto a propósito da feroz perseguição que o capitalismo yankee desenvolve contra os idealistas revolucionários Sacco e Vanzetti, ameaçados de serem inexoravelmente electrocutados.

Presidiu ao acto, que redundou numa verdadeira jornada de propaganda, o camarada Dionísio Gomes, da Escola de Estudos Sociais da Boavista, que teve a secretária-ia das camaradas Manuel Barbosa dos Santos e José Rodrigo Reboredo.

O conferente, o conhecido anarquista Costa Carvalho, principiou por salientar que a existência da tirania em todos os indivíduos e em todas as multidões é devido à influência nefasta exercida pelos governantes e à irreflexão dolorosa mantida pelos governados. Entrando nos acontecimentos históricos que alentaram a perseguição brutal da burguesia contra os mártires Sacco e Vanzetti, afirma que todo o crime destes dois espíritos do idealismo moderno reside no seu revolucionarismo transformador da sociedade injusta num sistema social de equidade e de liberdade. São hoje perseguidos como há séculos o foi Cristo, a-pesar-de Pilatos lhe reconhecer a inocência dos crimes que lhe imputavam. Mas como foi o grande revolucionário da época, sofreu todo o peso do assediamento tirânico e mortal dos potentados de então. Aludindo à aliança que a burguesia estabeleceu entre si para esmagar os humildes escravos que a sustentam em todos os seus mais extravagantes caprichos, friza o dever imperioso que o povo trabalhador tem em pôr de se unir o mais estreitamente possível para que amanhã, se se der a mesma monstruosidade, perseguidora e jurídica que se dá na pátria de Moure, ele possa ter a autoridade moral de se impor ao respeito da solidariedade dos outros povos.

A propósito, disserta interessadamente acerca da solidariedade que se observa em diferentes espécies animais, como exemplo vivificante da necessidade da solidariedade humana, cuja falta entre os escravizados permite, vergonhosamente, indignamente, que morra às garras da burguesia os seus próprios e estranhos defensores. A burguesia não persegue os verdadeiros criminosos, persegue os revolucionários porque estes aprenderam a ver nela a verdadeira geradora de todos os crimes e de todos os males económico-sociais que infelicita a humanidade. Enquanto, pois, não desaparecer definitivamente a sociedade capitalista, a tirania jamais será eficientemente eliminada.

Referindo-se ao poder contaminador que os prejuízos deste fétido ambiente social exercem nos indivíduos, diz que o homem se torna o verdadeiro tirano do homem, o tirano do seu amigo, o tirano do seu irmão.

Como exemplo, infelizmente frequentíssimo, cita o caso de um operário que hoje é um excelente camarada, tornar-se amanhã um repulente despolta, uma vez que foi guiado à categoria de patrão ou de simples encarregado... São, estes factos, as resultantes tristes da louca antagonismo de interesses a que esta sociedade de privilégios e de iniquidades nos conduz. Fazendo a apologética rasgada duma nova sociedade baseada na liberdade e no auxílio mútuo que dos indivíduos, quer dos agregados humanos utilmente laborando para o bem geral da comunidade, manifesta a sua orientação sobre a forma de convencer, de atrair aqueles que comungam ideias opostas às nossas: não se deve usar a violência.

A violência é o produto lógico da ignorância e da injustiça da sociedade burguesa, que revoltantemente cultiva os maus instintos. A tirania é filha deste regime de torpezas capitalistas, cujos lamentáveis com-

passos são os ignorantes e os indiferentes que consentem este caótico estado de coisas. A propaganda revolucionária fundamenta-se na necessidade que há de combater todas as anomalias apertantes que existem em todos os sentidos e que chegam a atingir mesmo os próprios burgueses, por melhor que seja a sua posição social.

Fala na escravidão da mulher e história diversos factos que se relacionam com a oposição feita ao Progresso pelo povo apeteado, narrando o êxito que alguns países têm alcançado os povos que acompanham todas as evoluções progressivas — as quais exigem uma nova estrutura social, sob pena desses povos ficarem esmagados debaixo de tais progressividades. Cita os prejuízos que o Progresso resulta para o povo trabalhador desde que se não vá alterando a fisionomia económico-social para depois confrontar com as belezas que esse mesmo Progresso trará num Sociedade Futura perfeitamente livre, justa e solidária.

Voltando a referir-se à bárbara condenação de Sacco e Vanzetti, põe em relevo o vulto gigantesco desses dois camaradas, assim como o de outros mártires da Ideia — os quais, embora mortos fisicamente, continuam, no entanto, a viver espiritualmente no Ideal: a morte dos Apóstolos duma Ideia traz sempre um maior merecimento para a mesma Ideia.

O conferente, sempre ouvido com agrado, termina por formular o seu mais veemente protesto contra a pena de morte. Esta só pode ser usada numa sociedade que se nivela com actos de banditismo que a mesma hipocritamente «pretende» abolir. Numa Sociedade Perfeita, como há-de ser a Futura, o homem não só poupará a morte do seu semelhante, como a de qualquer outro animal: então o Progresso, colocado inofensivamente ao serviço de todo o ser humano, dará ao Homem todas as facilidades para poder viver feliz e em abundância.

As últimas palavras foram coroadas com uma salva de palmas.

Foi depois aprovada esta moção de protesto:

«O povo trabalhador e liberal da Giestra, reunido, a convite da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais desta localidade, para protestar contra a pena de morte imposta pela burguesia americana a Sacco e Vanzetti;

Considerando que essa sentença é uma verdadeira iniquidade feita com o intuito de aniquilar a vida de dois camaradas simplesmente por serem sinceros arautos das ideias que têm por fim estabelecer uma nova sociedade baseada na Razão e na Verdade;

Considerando que por esse motivo não pode ser indiferente ao povo desta localidade o monstruoso crime que se pretende praticar na América — resolve unanimemente lavar o seu protesto contra a prisão e condenação à morte de Sacco e Vanzetti, levando este protesto junto das entidades competentes e reclamando a definitiva libertação das vítimas. —»

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Arizana» são amanhã expedidas malas postais para Madeira, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires e pelo paquete «Dorris» para a Madeira, Pará e Manaus, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondência às 11 horas, fechando os registos às 9 horas, para ambos os paquetes.

Pelo paquete «Moçambique», para a Madeira e Africa Ocidental.

As últimas tiragens são para a correspondência ordinária às 13 e os registos às 11 horas.

PROVIDENCIAS, PROVIDENCIAS!

Na rua Maria Pia há um prédio em estado de imminente ruína sobre o qual já se pronunciaram duas vistorias

Não pode ser! Lisboa desmorona-se. Uma grande parte das novas edificações e algumas das antigas vão caindo aos poucos. As primeiras devido às péssimas construções; as segundas por há muito tempo não sofrerem reparação.

A vida do cidadão não pode estar à mercê de um grupo de audaciosos que sem a menor consideração pela vida alheia vão construindo barracas que o vento reduz a montões de calça. A sorte da população não

lamentar a sua sorte e convidar-nos a ir até lá ver de perto o estado em que se encontra a propriedade.

Accedendo ao convite fomos até à rua Maria Pia. E com efeito, o perigo é imminente. Dentro de alguns dias, talvez dentro de algumas horas se vendaval for violento, uma centena de pessoas podem ficar sepultadas sob os escombros da propriedade.

O que se tem passado em volta deste prédio é edificante e merece ser relatado em duas linhas para que o leitor fique conhecendo a quem cabem as responsabilidades se amanhã houver desmoronamento.

No princípio de 1923 fez-se uma vistoria ao prédio. Os peritos em virtude do estado em que ele se encontrava foram unânimes em considerá-lo em estado de imminente ruína, devendo a propriedade ser demolida até ao primeiro andar. Já nessa ocasião, se verificou que se a propriedade se despenhasse para a rectaguarda, cuja altitude é considerável, mais de uma centena de pessoas ficariam soterradas. Na rectaguarda do prédio ergue-se um aglomerado de barracas tristes onde mora a miséria. Os seus habitantes nem saberiam que morriam se a propriedade ruísse. Pois a-pesar deste grande perigo, desta possível catástrofe, a intimação não foi cumprida. A Câmara que- dou como que impotente para meter na ordem o audacioso senhorio.

Nesta situação se conservaram os inquilinos até Dezembro de 1925, data em que outra comissão procedeu a nova vistoria a qual reconheceu em iminência de perigo uma extensão de 27 metros de altura. Essa comissão em virtude do resultado a que chegou apresentou um relatório que levou a Câmara a intimar todos os inquilinos do lado direito — onde o perigo é maior — a abandonarem as suas casas no prazo de 5 dias para se fazerem as obras. Os inquilinos referidos respeitaram a intimação, mas o senhorio é que não iniciou as obras.

Devido a esse facto alguns dias depois os inquilinos voltaram a ocupar as suas antigas habitações, visto que o senhorio perentoriamente dizia não fazer obras.

E se bem o disse melhor o fez. Até hoje as obras ainda não se fizeram e as dez famílias que ali residem, constituídas por trinta e cinco pessoas, continuam expostas a catástrofe.

Quando estivemos na rua Maria Pia percorremos algumas das dependências condenadas, tendo ocasião de verificar o estado calamitoso em que elas se encontram.

Há 11 anos que não se fazem obras no prédio. O telhado carece de profundas reparações. As chuvas, devido ao seu estado, penetram no edifício apodrecendo os vigamentos e abrindo grandes fendas na propriedade. E para maior inconveniência há três anos que o prédio não tem algerços, dando em resultado as águas invadirem quasi todas as dependências.

Numa palavra: só por uma grande sorte é que a propriedade ainda não caiu.

Conversando com alguns inquilinos soube que o senhorio só fará as obras quando os inquilinos abandonarem a propriedade. E porque? Porque as despesas feitas seriam facilmente pagas com o arrendamento por elevadas quantias e com trespases exorbitantes.

Para se avaliar a quanto chega a desumidade deste senhorio basta saber-se que alguns dos inquilinos ofereceram-se para auxiliar o pagamento das obras, não se importando também de pagar uma renda mais elevada.

O senhorio a nada cede. Quere tudo na rua para poder manobrar à vontade.

O que nos revolta no meio de tudo isto é a atitude da Câmara Municipal de Lisboa não chamando à pedra este criminoso.

E' possível que só criminoso quando os trinta e cinco inquilinos sejam cadáveres.



O prédio 509 da rua Maria Pia

pode estar dependente das ambições de umas centenas de senhorios que não fazem as obras que já foram intimados a executar nas suas propriedades.

Todos os dias nos chega a notícia de que mais um prédio vai desabar, de que mais algumas dezenas de inquilinos vão ficar sem alojamentos. E sobre alguns desses prédios já os peritos deram a sua opinião, já os entendidos disseram que não podem ser habitados porque o seu estado é de imminente ruína.

Nestas condições se encontra o prédio 509 da rua Maria Pia. Há três anos que os técnicos asseveraram que esta propriedade não podia ser habitada sem se fazerem as necessárias obras. E todavia o seu proprietário, Eugénio Tavares Ribeiro, ainda não ligou importância à declaração dos peritos. Continua a receber as rendas e a declarar que não fará as obras, a menos que os inquilinos retirem e ele possa amanhã, dum jacto, reembolsar a importância dispendida com as obras.

Alguns inquilinos desse prédio vendo a iminência do perigo vieram a esta redacção

O SINDICALISMO EM MARCHA

Inaugurou ontem os seus trabalhos o Congresso Extraordinário dos Sindicatos Operários de Lisboa

O Congresso Extraordinário dos Sindicatos Operários de Lisboa está decorrendo no salão da Sociedade A Voz do Operário. Houve bastante concorrência de operários que demonstravam grande interesse pelos trabalhos.

A's 21 horas, pontualmente, dá-se início à sessão. A mesa está assim constituída: presidente, Ferreira da Silva; secretários, Gomes do Amaral e Veloso Lima. São todos elementos da comissão instaladora da C. S. T. O presidente chama insistentemente os congressistas.

Tudo acomodado, o presidente manifesta a sua satisfação pela forma como os sindicatos acorreram ao chamamento da C. S. T., ocorrendo também organismos actualmente desligados da organização geral. Isto demonstra a vontade dos militantes operários em trabalharem pelo revigoramento da organização sindical. A comissão inaugural deste congresso deseja ardentemente o bom funcionamento e o êxito completo do congresso, cujo anseio será o de contribuir para a emancipação dos trabalhadores, que ora têm os olhos fitos nos delegados ao congresso. Aconselha a maior tolerância e ponderação nos debates do congresso, a fim de que se desmintam os boatos que correm. Os delegados só devem sustentar o princípio da unidade de todo o movimento operário, não alimentando discórdias que são nocivas à causa dos trabalhadores. Finalmente, saúda, em nome da comissão, os delegados ao congresso e o proletariado.

São lidas na mesa as seguintes saudações: Federação do Mobiliário, Trabalhadores do Tráfego, S. U. C. Civil do Porto, Refinadores do Açúcar, Secção da Construção Civil do Alto do Pina, Eduardo Ortiz, União Anarquista de Portugal, Socorro Vermelho.

São também lidas as credenciais dos delegados presentes ao congresso. A C. S. T. do Porto também envia como delegado observador o camarada Lourenço da Costa Peixoto.

O delegado dos Mobiliários propõe que se dispense a leitura das credenciais. Aprovado.

Eleição da comissão de mandatos

Procede-se à eleição das comissões. Francisco Fernandes apresenta a seguinte lista para a comissão de mandatos: João Miranda, da C. Civil; Joaquim de Sousa, dos Metalúrgicos; Alberto Monteiro, dos Alfaiates; Domingos Gonçalves, dos Manipuladores de Pão; Silva Campos, dos Maiores de Calçado.

Trocam-se explicações entre a mesa e os delegados dos Empregados no Comércio, que discordavam da oportunidade da eleição. Por fim é admitida e logo aprovada por maioria a proposta apresentada.

Virgílio de Sousa, dos Empregados no Comércio, propõe que os delegados ao Congresso fiquem isolados do público, a fim de que os trabalhos decorram sem confusão. Assim se faz.

Em seguida, interrompe-se a sessão, por

A PROPOSITO DE UMA CRITICA

Conceitos imorais em escritos religiosos

Fazer transcrições de escritos religiosos para demonstrar a existência de conceitos, passagens, máximas, descrições, leituras dos bons costumes, é uma tarefa muito difícil e delicada. Hesita sempre quem não tira comprazimento da pornografia.

Entre os melhores exemplares contam-se os livros escritos para elucidar os sacerdotes, acerca dos pecados contra o sexto mandamento e para os guiar no interrogatório a fazer as penitências, que a seus pés ajoelham, desde a cândida donzela, a inocência em flor, até a matrona mais sabida no culto de Venus.

O número e a qualidade dos pecados no capítulo da luxúria, a explicação da sua essência, os exemplos escolhidos e apresentados com refinamentos de minúcia e impudência, deixam absolutamente confusos os leitores que ignorem as produções mais imundas ditadas pela libertinagem e pelo vício.

Encontra-se esta casuística do amor mórbido na obra do Padre Scetler (*In sexum Decalogi preceptum*), no *Manuel des Confesseurs de Bouvier*, no *Tratado de la Chasteté* de Louvel, na *Machologie*, do Padre Debreyne, etc. Este último é autor também de *Études de Théologie morale*, de que há uma tradução portuguesa de Raimundo Capela (1866), de fácil leitura.

Numa outra obra, *Teologia Moral Universal*, de Scavini, traduzida pelo cônego Rito e Cunha, se encontra no livro primeiro que trata dos vícios e pecados em geral, um capítulo (2.º) que se ocupa de luxúria, mas este escrito em latim. Define-se a luxúria e trata-se de *luxuria perfecta*, de *luxuria imperfecta*, de *luxuria naturalis* e *contra naturam* (bestialitas, sodomia, vas debitum et indebitum, seties naturalis et unnaturalis, fornicatio, stuprum, incestus, sacrilegium, pollutio, incubo et succubo, etc.).

Para julgar estes livros ouçamos um cálico E. Drummond:

«Três meses antes de abandonarem o seminário confiavam-se as Dioceses (Manual dos Confessores) a estes manobres e por elas são iniciados bruscamente em todos os detalhes da devassidão, em todas as aberrações passionais, em todas as corrupções dos volupciosos e dos embotados pela libertinagem.

«A estes filhos de camponeses que quasi sempre têm vivido num estado de absoluta pureza, esta leitura faz o efeito duma visita a um imenso Museu. Dignamente deixaram-nos na ignorância de todo o mistério da alma humana e das variedades e subtilidades infinitas dos sentimentos e das impressões e de repente mostram-lhes o homem e a mulher sob a forma de estampas anatômicas, como se vêem nos livros de medicina».

O historiador Michelet afirma desassombradamente:

«O Manual dos Confessores é um livro mais imoral que as obras obscenas do Marques de Sade».

Muitos teólogos têm pôsto a sua sciência e dialectica ao serviço de assuntos, cuja escabrosidade daria imaginações menos exaltadas. Assim o jesuita Sanchez na sua obra *De matrimonio*, desce aos mais íntimos detalhes do casamento natural. Jean Remetli em *La somme des pechés et la remède d'eux, dédiée à la sainte Vierge* trinta quadros lúbricos oferecidos... A Virgem! Samuel Schemius na sua *Dissertation theologia de sanctificatione seminis Mariae Virginis in actu conceptionis Christi, sive redemptionis pretio, contra pigmentum praeservationis in lumbis Adami et Vasquez in Ultrum Beata Maria Virgo semen et niserit in copulatione cum Spiritu Sancto* ocupam-se do acto da concepção de Cristo com detalhes que não nos atrevemos a mencionar aqui.

Na Sagrada Escritura encontram-se descrições do mesmo teor: Leiam-se: A tentativa de sodomia sobre os anjos acolhidos a casa de Lot e a maneira como este evitou o acto (Génese, XIX, 1 a 8). O incesto de Lot com as suas filhas na caverna, durante a fuga de Segor (Génese, XIX, 30 a 38). A tentativa dos filhos de Belial sobre o levita, hospedado em casa do velho de Gaba e a oferta por este feita da filha donzela e da mulher do levita, a título de compensação, sendo esta entregue aos ultrajes, do que lhe resultou a morte (Juizes XIX, 22 a 28). O desfilamento a tração de Thamar, donzela de rara beleza, por seu irmão Ammon, filho primogénito de David (II Reis

trinta minutos, para que a comissão de mandatos elabore o seu parecer.

Não chegou a ser discutido o parecer sobre mandatos

A-pesar-de marcada meia hora para a reunião da comissão de mandatos, a sessão continuou suspensa por mais de uma hora.

A comissão, porém, demora-se. A meia noite ainda não havia elaborado o seu parecer. Como a sessão não pôde prosseguir além desta hora, por determinação da autoridade militar, o presidente considera adiado a leitura e discussão do referido parecer para a sessão de hoje, que se inicia às 9 horas.

No final da sessão foi tirada uma questão para os presos por questões sociais, pelo Núcleo da Juventude Sindicalista, que rendeu 84515.

A Comissão Instaladora da C. S. T. previne todos os delegados ao Congresso de que devem vir munidos dos exemplares das teses publicadas, porquanto, se encontra impossibilitada de fazer a sua distribuição.

DESPORTOS

Liga Operária de Desportos Atleticos

Realizam-se hoje os seguintes jogos do campeonato operário, desta Liga:

1.ª Categoria—Final da Taça Abertura: Boa Hora contra Luzitano, às 15 horas; juiz António Carvalho.

3.ª Categoria—Luzitano contra Sporting de Santos, às 11 horas; na Junqueira, juiz José Teixeira. Rio Seco contra Triângulo, às 9,30 horas; no Bom Sucesso, juiz António Rodrigues. Boa Hora contra Andorinha, às 11,30 horas; no Bom Sucesso, juiz Jacinto Pereira. Batalha contra União Portugal, às 15,30 horas; no Bom Sucesso.

4.ª Categoria—Cruzeiro contra União Portugal, às 12 horas; nas Saléias, juiz Armando José de Almeida. Gibraltar contra Ajuda, às 13,30 horas; no Bom Sucesso, juiz Ernesto Romão. Batalha contra Estrela, às 10 horas; nas Saléias, juiz José Maria da Silva. Sporting de Santos contra Atlético do Bento, às 9 horas; na Junqueira, juiz Francisco Cabral.

XIII, 1 a 20). A descrição das abominações de Jerusalém (Ezequiel XVI), etc.

Os cânticos de Salomão são sobrejamente conhecidos pelo seu erotismo.

Nos livros saídos dos conventos femininos a colheita de trechos de uma requintada sensualidade pode ser copiosíssima.

Exemplifiquemos com alguns mais anódinos:

—Frei José Caetano publicou em 1762 as «Memórias da vida, e virtudes da serva de Deus Soror Maria Joana, religiosa do Convento Real do Santíssimo Sacramento do Lourival». A pág. 126 lê-se: «A véspera deste dia da nova profissão passou Soror Maria Joana entre carícias e favores do seu Esposo: este a dispôs e ornou como se agradava: foram familiares e ternos os coloquios: o amor o abraçava, e o Divino amante a atraía a si tão doce e fortemente enamorado das suas perfeições que se desfazia em ânsias de amor «E' que muito (diz a serva de Deus) se tinha à vista o infinito objecto e só digno de todo o amor... eu inteiramente me entreguei e ficaram as vontades sendo uma. O Senhor me deu o seu amor para amar, e logo fiquei suave e amorosamente amando». Eu não saberia explicar também este desposório espiritual e a celebração destes esposais: bem o sabe dizer quem o experimente porque estes favores só os diz bem quem os recebe». A pág. 127: «A este desposório seguiu-se a união explicada, como ela diz, por abraço espiritual íntimo e apertado (são os termos de que usa); a este seguiu-se a confiança de Esposa: usei das suas mesmas palavras que têm particular força: «Já com confiança de Esposa dizia ao meu amado: E' todo para mim e eu sou toda para o meu amado».

Frei António de Almeida, em 1694, occupa-se dos «Desposórios de espírito, celebrados entre o divino Amante e a sua amada Esposa a venerável Madre Soror Mariana do Rosário, religiosa de seu branco no Convento do Salvador da cidade de Évora». Ao seu autor conta Mariana: «Todo este tempo estive vendo coisas que a língua humana não pode declarar.

Eu bem me sentia, mas não podia sair daquilo e se alguma pessoa fosse falar-me não pudera responder. Vi nesta ocasião o meu Senhor como uma pessoa que está muito saudosa de outra, abrindo-me os braços e apertando-me com muito amor.

... Sai daquela fogueira divina como quem sai de um fogo ardente: isto tudo foi desde o jantar até que foram 9 horas da noite, a qual não pude dormir porque não se acabou o fogo divino... Luciano Cordeiro, a quem pertence esta última transcrição (Soror Mariana, a freira portuguesa), afirma ainda que os «Fragmentos da prodigiosa vida da muito favorecida e amada Esposa de Jesus Cristo, a venerável Madre Mariana da Purificação, etc.», publicados por Frei Caetano do Nascimento constituem «o quadro mais extraordinário e completo do sensualismo místico dos conventos».

Na «Vida da serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus, abadessa do mosteiro de Santa Clara de Portalegre, escrita pela mesma venerável religiosa, de mandado de seus padres espirituais (1757)» a autora conta: «Estando uma noite em oração, muito unida com o meu Senhor, logrando os favores do seu divino amor, depois deste vinculo tão estreito, me disse estas palavras: Filha, eu queria mandar uma carta a frei Fulano... Uma vez, por acaso, me desconsolava muito, parecendo-me, que havia no religioso algum descuido, em não ir adiante no caminho da virtude; e com esta desconfinça estava quasi resoluta a deixar a comunicação espiritual que tinha com o padre. Sentiu isto tanto o Senhor, a nosso modo de falar, que o obrigou a vir pessoalmente pedir-me o não deixasse; e foi o caso, que tendo eu levado a maior parte da noite em oração, na madrugada tive uma elevação, onde vi uma imagem do Senhor. E'ce homo que temos neste Convento, e vinha sua santíssima Humanidade, como homem nu, todo coberto de sangue e chagas, dando passos até chegar a mim. Tanto que cheguei, cheguei eu a passos de morte; porque foi tanto o amor, com que o abraçei, e as lágrimas que chorei, que lançada a seus pés e enlaçada em seus braços, pouco me faltou para morrer».

Ponhamos ponto no estendal que poderia ser infundável. Defendamos-nos da pornografia religiosa.

Geraldo BRITES

RENDIMENTOS DOS OPERARIOS

Desastre nas obras dos Jerónimos

No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e recolheu a casa, Artur Monteiro, de 21 anos, natural de Lisboa, morador no largo do Galvão, 5, 1.º, ajudante de apontador das Obras Públicas e que, nas obras do mosteiro dos Jerónimos, quando ajudava a arrear uma pedra, foi colhido por esta, ficando com o pé direito fracturado.

Colhido por uma máquina

Na enfermaria do Hospital de Arroios, deu entrada José Augusto, de 22 anos, trabalhador, natural de Ceia, residente na travessa de Campo d'Ouro, 15, porta 7, que, na fábrica da Companhia União Fabril, em Alcantara, foi colhido por uma máquina, ficando muito contuso pelo corpo.

Queda de uma carroça

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi pensado e seguiu para casa, Arnal do Santos, de 23 anos, carroceiro, residente na rua Maria Pia, R. L., natural de Gouveia, que, na estrada de Monsanto, caiu da carroça de que era condutor, ficando ferido na cabeça.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição—Escudos \$300

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos a secção de Livraria de A Batalha

A foca no Jardim Zoológico

Tem continuado a despertar a curiosidade geral aquele interessante anfíbio que há pouco deu entrada naquele Jardim.

TIVOLI
Telefone II. 9474

MATINÉE ÀS 3 HORAS
SOIRÉE ÀS 9 HORAS

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

As Sete Ocasões de Pamplinas

Comédia dirigida e interpretada por BUSTER KENTON (pamplinas)

UM HOMEM VALENTE

com George Walsh e Cecile Ernis

Complicações matrimoniais

Comédia-Farça com Dorothy Depore

Um Documentário Português

AMANHÃ:

UMA MULHER DE 40 ANOS, com Pauline Frederick e Laura La Plante

Uma criança que foge dum seminário onde era maltratada

GUARDA, 29.—Abel Lopes Valério, filho de Américo Lopes Valério, comerciante na Guarda, de 12 anos de idade, entrou no dia 15 do corrente para o seminário desta cidade. Como a vida do seminário não condizia com o que lhe disseram, resolveu evadir-se de lá. No dia 25 iludindo a vigilância dos que o tinham à sua guarda, conseguiu fugir de madrugada.

Essa criança encontra-se em casa de gente humilde, onde tem sido muito bem tratada. Foi a essas criaturas que o acolheram que o Abel contou a sua indignação pela maneira como era alimentado—a fome era a habitual companheira das suas refeições—e a disciplina a que o sujeitavam era rigorosíssima.

Os castigos eram estupidos e frequentíssimos. Um dia só por estar conversando com um companheiro de cativeiro recebeu um puxão de orelhas. Era obrigado a urinar ajoelhado e quando se deixava era também obrigado a despir as calças já dentro da cama. Este regime cômico e estúpido era idêntico para todos os desgraçados que caíam nas garras daqueles tratantes.

As cartas que mandava à família eram entregues abertas ao director do seminário e só seguia depois de sofrerem uma rigorosa censura. E' lamentável que existam pais que não duvidem em entregar os filhos numa idade tão critica às mãos destas criaturas, colocadas à margem da vida e insensíveis às dores humanas.

Que este caso sirva de exemplo, a fim de que não haja mais pais que sepultem os filhos nesses antros chamados seminários.

TEATRO AVENIDA
Telef. II. 4356

O teatro mais popular de Lisboa

HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Espectáculo sem rival em Lisboa e o único teatro que encena em português, o género da comédia musical

O monumental «vaudeville»

O PÃO DE LÓ

SOCIEDADES DE RECREIO

Troupe de Bandolinistas «Os Liras»
—No centro dr. Afonso Costa, rua Alves do Torgo, 1, às 21 horas, recita seguida de baile.

Concentração Musical 24 de Agosto
—Hoje, às 21 horas, baile.

Câmara Municipal de Lisboa

Junta de freguesia do Campo Grande

A comissão administrativa da junta de freguesia de Campo Grande, solicitou da Câmara a cedência de um «chalet» situado no final do Campo Grande e conhecido pelo «chalet» do moto continuo a fim de nele instalar a sua sede, ficando a cargo da mesma comissão todas as despesas a fazer com a adaptação.

Foi deferido o pedido.

Embargos de obras

A comissão administrativa deu poderes forenses ao advogado sênior e solicitador municipal para procederem ao embargo das obras que sem as devidas licenças estão fazendo Glória Lucas, António Jacinto, Armando Guão, Ltd., e Maria Tereza Viegas, respectivamente, na travessa da Ajuda, na rua António Maria Baptista, A. J., na rua do Loreto, 57 a 59 e na Quinta do Lagar Novo, à rua da Beneficência (Bairro Catárino).

Mercado 24 de Julho

Manuel Gonçalves Martins e outros comerciantes na ala norte do Mercado definitivo 24 de Julho pediram à Câmara isenção de pagamento das licenças dos seus estabelecimentos, alegando estarem sendo prejudicados no seu comércio pelo facto do mercado se encontrar em obras, passando a fazer aqueles pagamentos depois das obras concluídas.

Foi indeferido o pedido.

AGREMIACÕES VÁRIAS

Empregados Menores do Estado
—Reine hoje, pelas 13 horas, o Pessoal Menor das secretarias do Estado, a fim de tomar conhecimento de diversas reclamações entregues ao actual governo acerca do aumento de vencimentos em face da carência da vida, adiamentos pela Caixa Geral dos Depósitos, diuturnidades de serviço, redução nas linhas férreas do Estado e construção das casas económicas.

Centro Escolar Democrático.—Terminam as festas do 20.º aniversário com «matinée» às 15 horas. A's 21 horas saíam, acompanhado de uma deliciosa surpresa.

Grémio Excursionista Civil do Monte.—No próximo dia 3, comemora este grémio o 2.º aniversário do falecimento de Bôto Machado, que foi seu presidente honorário, realizando uma sessão para a qual estão convidados elementos liberais e amigos do extinto.

TEATRO DA TRINDADE
Telefone T. 976

A's 21 h.

HOJE

GRANDIOSO ESPECTACULO DA COMPANHIA

Lucilia Simões—Erico Braga

A interessantissima peça em 4 actos

UMA MULHER SEM IMPORTANCIA

Notável desempenho de Lucilia Simões e Erico Braga

Nos intervalos, em concerto, a grande pianista francesa Ivone Lambert, 1.º prêmio do Conservatório de Paris

Preços iguais ao da temporada anterior. O mais barato espectáculo de Portugal

O CASO DA FIGUEIRA DA FOZ

A campanha de «A Batalha» já fez mover a imprensa burguesa

que narra o acontecimento conforme a sua mirífica maneira de ver as coisas...

—COIMBRA, 29.—No princípio... era a escuridão cerrada, profunda, em volta deste caso ignóbil de brutalização duma menor de 16 anos.

A vítima fora uma pobre filha do povo esravio e sofrido. Os autores do selvático, do canibalismo atentado contra o pudor da pobre rapariga, haviam sido—voz popular—dos dos mais categorizados elementos da elite figurante.

A honesta imprensa daquela cidade e os solícitos correspondentes dos diários das capitais naquele burgo, nada haviam, porém, referido sobre o hediondo acontecimento. A honrada, a incorrupta imprensa, cujos órgãos frequentemente empenham com descrições rombolescas de ocorrências de irritivo valor, sentia repugnância em trazer para a letra redonda simples casos de desforço, como este, que deviam permanecer no segredo das famílias que deles são vítimas.

Argus indigna pouca atenção, também, ligava ao sucedido, tendo, após as indispensáveis e cerimoniais diligências, resolvido lançar-lo na lagoa do Olvido.

«Um mero caso de roubo ou de farsa» de mais não era digno... A opinião pública impiedosa e inconfidente, aliava-se, porém, a breve trecho, inexorável, a voz esclarecedora de A Batalha.

Nun momento, tudo se metamorfoseou. Tão graves foram as acusações a que nestas columnas desde publicidade, que a imprensa dos bons costumes, a imprensa de Caia, foi forçada, mau grado seu, a occupar-se deste caso.

A imprensa da Figueira já O Figueirense começou a falar.

Ao Diário de Notícias não interessou menos a trágico-comédia, que se vem representando desde o jardim do sr. Fernando Mendes até ao gabinete do administrador do concelho como o prova o facto de aquella cidade ter mandado um repórter especial.

Da missão em que o investiram desempenhou-se já aquele enviado, remetendo para o seu jornal o relato, que veio publicado no Diário de Notícias de 25 de Outubro.

A maneira, todavia, como aquele enviado se occupou do successo é estúpida e revoltante—tão recheado de inexactões veio o seu relato.

Depois de errar o dia da ocorrência, o nome de alguns protagonistas e de relatar que a vítima foi encontrada no chão inanimada e arfando violentamente (sic), declara que a Margarida, a vítima, insiste em afirmar:

«Deram-me uma coisa a cheirar, eu perdi os sentidos, mas não me fizeram mais mal nenhum!» (textual).

Oh! a grande imprensa!

A O Figueirense responderemos, quando este jornal concluir a sua versão da ocorrência do jardim do sr. Fernando Mendes.

Continuamos aguardando que o director daquele jornal, o sr. Gomes de Almeida, responda ao repto que aqui lhe lançamos para que prove publicamente a acusação que nos faz da prática de chantage nesta campanha e para o qual estão terminando os oito dias que lhe concedemos para responder.—C.

Várias notas da Lisboa triste

Sentinelas turbulentas

Juliano Rodrigues, de 75 anos, natural de Lisboa, moço de fretes n.º 68, morador na rua Barros Queiroz, 39, 3.º, dito, depois de uma alteração com o guarda das sentinas publicas do largo de São Domingos, foi empurrado por este, resultando cair e fracturar a perna direita. Conduzido o Juliano ao hospital de São José, recolheu ali à Sala de Observações. O agressor foi preso.

Colhido por um automóvel

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu depois a casa, na rua da Junqueira, 190, o tenente-coronel de cavalaria, chefe da 3.ª Repartição do Ministério da Guerra, Alberto Machado Cardoso dos Santos, que, ao apressar-se de um carro eléctrico, na rua de São Paulo, foi colhido por um automóvel, ficando ferido no rosto e com várias contusões pelo corpo.

A morte do cocheiro

Da Casa Mortuária do hospital de São José, foi removido para o Instituto de Medicina-Legal, onde amanhã lhe deve ser feita a autopsia judicial, o cadáver de João da Costa Paixão, aquele cocheiro, que, como noticiámos, no dia 25 último, caiu da muralha do Terreiro do Paço, ao rio.

Nem mesmo em casa

Na enfermaria de Santa Joana do Hospital de São José, deu entrada Maria da Conceição, de 76 anos, natural de Alcobaca, que caiu na residência, Estrada de Bemfica, 402, rés-do-chão, fracturando a perna direita.

Sem assistência médica

Depois de verificado o óbito pelo respectivo sub-delegado de saúde, deu entrada na Morgue, Francisco Pardehas Júnior, de 71 anos, alfaiate, que faleceu sem assistência médica, na sua residência, rua Francisco Sanchez, 45, 5.º.

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 h.—Soirée às 8,45 h.

Despedida da popular e aplaudida artista

PITUSILLA

Cançonista cômica e de fantasia

DESPEDIDA DO NOTÁVEL TENOR

MIGUEL ARTELLI

Único domingo em que se apresenta a grande celebridade mundial

KOSIKA VRANDJA

nas suas danças cambodgianas e egípcias

NO ECRA: fis murallas do silêncio—6 partes

Concerto pela FOZ MELODY BAND

AMANHÃ: Inauguração da época de inverno

Estreia de ADELINA NAJERA, estrela do «couplet sentimental»; e de RUSSSANOWA et DEMINE, bailarinos russos

TEATROS

Teatro Politeama

«A triste feia», de Rui Chianca, em festa de Teodoro Santos

Rui Chianca reapareceu no palco de Lisboa, com a sua peça *A triste feia*, arrancada ao meio popular lisboeta. *A triste feia* é uma peça de coração, em verso bem sonante, de ritmo agradávelíssimo, de assunto de interesse. Os seus três actos são a imagem viva dos velhos casarões de bairros trabalhadores, com toda a miséria do seu ambiente negregado, com todo o sentimento das suas almas, ora gáfadas, ora exultantes de virtude, de sinceridade!

Rui Chianca, que mais do que dramaturgo é um poeta de raça, se não fez uma obra impecavelmente teatral conseguiu entretanto uma produção poética cheia de som, colorida e vibrante de emoção. *A triste feia* é um pedaço alfacinha, com os seus tipos característicos e as suas intrigas soturnas. Nesta obra de Rui Chianca como em todas as outras há que notar a ternura com que o comediógrafo trata tudo o que é português.

Rui Chianca é bem um português que ama a sua terra e, aparte um ou outro voo de misticismo patriótico, e de uma ou outra illusão de regeneração nacional, os seus trabalhos de teatro revestem um significado enternecedor de carinho pela gente de Portugal, que tenho por sincero, sem especulações políticas ou exclusivismos nacionalistas.

Albino Forjaz de Sampaio, bibliógrafo e bibliófilo da primeira fila dos cultores do livro, em Portugal, cronista desassombrado e inteligência culta e sagaz, abriu o espectáculo com uma conferência primorosa em que a vida do actor foi posta em foco e em que Rui Chianca e Teodoro Santos foram devidamente comentados. Teodoro Santos fazia a sua festa.

Quero prestar a minha homenagem a esse artista cuja acção nos nossos palcos tem sido tão interessante e tão credora de honrosos reparos. O carinho com que o público o saudou dispensa-nos de fazer o seu elogio. O desempenho de *A triste feia* encontrou em Ester Leão um temperamento admirável, pujante, duma estranha vibratillidade. Provou-o principalmente o segundo acto, e o público percebeu-o ovacionando-o prolongadamente. Teodoro Santos foi um exemplar flagrante dos oprimidos pela fome e pelo sarcasmo do seu semelhante. Essa dolorosa figura, quanto a mim, a melhor estudada da peça, teve em Teodoro uma bela interpretação. Adílio Alves correcto. Gil Ferreira consciencioso, certo e dizendo bem o verso. Os outros artistas bem.

Nogueira de BRITO

O grande successo do «Paralítico»

E' hoje a 5.ª representação do emocionante drama «O Paralítico» no Teatro Nacional, tendo já registado quatro enchesimentos completos. O público tem sabido premiar o colossal trabalho do eminente actor José Alves da Cunha e dos restantes artistas que entram no célebre drama. A crítica teatral continua elogiando a peça e o trabalho dos artistas. Além de Berta de Bivar e de Carlos de Oliveira, salientam-se na interpretação de «O Paralítico» os artistas Ribeiro Lopes e Maria Isabel, uma nova actriz que dia a dia tem marcado o seu nome pela inteligência e correcção com que estuda os seus papéis. Não é difícil profetizar que, durante mais de um mês, o público concorrerá ao nosso primeiro teatro de declamação, para aplaudir Alves da Cunha e os restantes artistas da sua companhia.

«Uma mulher sem importância»

A brilhantissima companhia Lucilia Simões—Erico Braga realiza hoje, a última representação da peça «Uma mulher sem importância», cuja protagonista é um dos mais raros e mais belos triunfos artísticos da illustre actriz Lucilia Simões, igualmente interpretada, num formoso conjunto, pelos artistas Erico Braga, Amélia Pereira e Maria Sampaio. Nos intervalos concerto de piano pela notável artista francesa Ivone Lambert.

Sempre! «O Pão de Ló»

Vem de longa data o hábito das grandes concorrências ao Avenida todos os sábados e domingos dos meses, quer sejam os do verão ou do inverno. Ora, sabendo-se que a popular companhia Satanela-Amarante dá hoje a amanhã, na elegante casa de espectáculos, «O Pão de Ló», cremos não ser preciso dizer mais nada, para assegurar mais duas grandes enchesimentos e uma maior glória ao famoso e célebre «vaudeville».

Despedida de Pitussilla e de Miguel Artelli

Despedem-se hoje do público do Foz, que os tem aplaudido delirantemente, todas as tardes e todas as noites, a encantadora e já popular completista cômica e de fantasia Pitussilla e o grande tenor Miguel Artelli.

Está em pleno successo a formidável bailarina Vrandja, imitável nas suas danças egípcias e cambodgianas que lhe têm valido os maiores elogios dos melhores criticos europeus.

Amanhã inaugura-se a época de inverno com três notáveis estreias: a dos célebres bailarinos russos Helene Roussanova e Jorges Domine, e da admirável estrela do «couplet» Adeline Najera.

Acompanha todos os números a magnífica orquestra de «jazz» Foz Melody Band.

A revista «Sarcicote»

Volta hoje em duas sessões, a alegrar os frequentadores do Variedades, o lindo teatro do Parque Mayer. Se quiserem passar uma noite divertidíssima não falem lá.

«Cabaz de Morangos»

E' hoje, o 9.º domingo no Eden, tnd

«vassissimo teatro, nos anteriores, expta

TEATRO NACIONAL

HOJE

Telef. N. 3049

COMPANHIA

BERTA BIVAR—ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: representação do sensacional drama em 4 actos

O PARALITICO

Protagonista: Alves da Cunha

No principal papel feminino a actriz

BERTA DE BIVAR

O mais artistico espectáculo da actualidade

Solidariedade

Festa de homenagem a Manuel Varino

No Salão de Festas da Construção Civil realiza-se hoje, com início às 21 horas, em homenagem ao cultivador da canção nacional Manuel Varino, uma grandiosa festa de fados com o seguinte programa:

1.ª parte—Recitação de versos por Henrique Lageosa e Henrique Lageosa Junior, cançoneta por Henrique Lageosa (filho), rataplão por Silva Franco, poesia por Eusebio da Silva.

2.ª parte—Variações de fado pelo guitarrista José Marques

ALVÔR

Carvalho, Ribeiro & C.ª L.ª

9, RUA CIMA DE VILA, 11 PORTO

ALVAIADES VERNIZES SECANTES

Premiados com MEDALHA DE OURO na EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

PALÁCIO DE CRISTAL—PORTO—Outubro de 1926

AGENTES EM LISBOA: OLIVEIRAS, PIRES & C.ª, L.ª

Praça D. João da Câmara, 4, 2.º

MARCO POSTAL

Couço. — Roberto David. — Recebemos 25000. Pagou a sua assinatura e a de J. Manuel David, referente ao corrente mês. Os restantes 6800 para auxílio do jornal, serão publicados na devida altura.

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95000
Madrid, cheque		2597
Paris, cheque		562
Suiza, cheque		3378
Bruxelas, cheque		555
New-York, cheque		19860
Amsterdão, cheque		7584
Itália, cheque		786
Brasil, cheque		2375
Praga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2377
Berlim, cheque		4567

TEATROS

Nacional. — A's 21. — O Paralelo.
Trindade. — A's 21, 25. — Uma mulher sem importância.
Avenida. — A's 21, 30. — O Pão de Ló.
São Luís. — A's 21. — Maravilhas (La Calce-sara).
Eden-Teatro. — A's 20, 45 e 22, 45. — Cabaz de Morango.
Variedades. — A's 20, 30 e 22, 30. — Saricó.
Maria Vitória. — A's 20, 30 e 22, 30. — Pistóla.
Coliseu dos Recreios. — A's 21. — Companhia de circo.
ANIMATÓGRAFOS E VARIEDADES
Salto Foz. — A's 15 e 21. — Variedades e animatógrafo.
Tivoli. — Animatógrafo.
Condes. — Animatógrafo e concerto.
Olimpia. — Animatógrafo.
Central. — Animatógrafo.
Chiado Terrace. — Animatógrafo e variedades em conjunto.
Gil Vicente. — Animatógrafo.
Chautier. — Animatógrafo.
Ideal. — (Rua do Loreto). — Animatógrafo.
Cine Esperança. — Animatógrafo.
Jardim Zoológico. — Exposição permanente de animais.

Policlínica do Poço do Bispo

Consultas para as classes pobres

R. Capitão Leitão, 60-B

FABRICA

cladros, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 33 desta revista intitulada *El drama de um amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15000. Envia-se pelo correio a cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas

Nos termos da 2.ª parte do art. 31.º e seguintes dos Estatutos desta Companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas, possuidores de 100 ou mais acções, segundo os preceitos do mesmo art. 31.º, para se reunir em Lisboa, na sede social, no dia 27 de Novembro de 1926, pelas 14 horas.

ORDEM DO DIA

1.º Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da projectada linha de Tomar à Nabreth;

2.º Autorisar o Conselho de Administração em negociações com o Governo para o estabelecimento do contrato de construção e exploração da linha de Rio Maior e Ramal de Peniche, nos termos do Decreto n.º 12.524, de 22 do corrente, publicado no «Diário do Governo» n.º 230-1 Série, da mesma data.

Para os Srs. Accionistas poderem tomar parte nesta Assembleia, devem as «acções nominativas» ter sido averbadas até ao dia 27 de Outubro corrente, inclusivé, e as «acções ao portador» ter sido depositadas até às 12 horas do dia 12 de Novembro p. futuro.

Em Lisboa — Na sede da Companhia; no Banco de Portugal; no Banco Comercial de Lisboa; no Banco Lisboa e Açores; no Banco Nacional Ultramarino; no Monte-Pio Geral; no Credit Franco-Português; e na casa Bancária Fonseca, Santos & Viana.

No Porto — Na filial do Banco Nacional Ultramarino.

Em Paris — Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris; do Crédit Lyonnais; da Société Générale de Crédit Industriel et Commercial; da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France; da Banque de Paris et des Pays-Bas, e da Filial do Banco Nacional Ultramarino.

A proposta do Conselho de Administração, a submeter à apreciação da Assembleia Geral que fica convocada, está patente na sede social da Companhia, para ser examinada pelos Srs. Accionistas que houverem efectuado o depósito das suas acções.

Os bilhetes de admissão à assembleia geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções ao portador.

A assembleia constituir-se-á e poderá válidamente deliberar nos termos dos estatutos designadamente Art. 31.º

Lisboa, 27 de Outubro de 1926.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral (a) Carlos Ary Gonçalves dos Santos,

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30000
Sapatos em vermez 30000
Lotes pretos (grande salão) 30000
Lotes brancos (salão) 30000
Grande salão de botas pretas 30000
Lotes de cor para homem 30000

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa. Ver bem, pois só lá encontra boas botas. A Social Operaria é a marca dos Calçadões, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 45.

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Social, Rua da Adalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5%.

PO RODRIGUES

O MAIS EFICAZ DESTRUIDOR DE BARATAS, PULGAS, FORMIGAS, PERCELOS, etc.

Unicos depositarios em Portugal:

Salvador Barata, Limit.ª

(Fabricantes das almas da marca GRAYVOT)

19 A — R. das Gaivotas — 19 C LISBOA

Telefone T. 516

A' venda em todas as drogarias, mercearias e lojas de ferragens

Agente nas ilhas: JOSÉ GOES FERREIRA FUNCHAL

NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS

sem consultar

a Empresa de Limas União Tomé Fátima, L.ª

Sede em VIEIRA DE LEIRIA

Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras

EXPERIMENTAR É ADOPTAR — Visitem a nossa agência em Lisboa Travessa do Fala S6, 9-B

TELEF. N. 3415

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Tudo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL põe-vos-lá ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

Já Viram?

Sabão manual. Sólido, elegante

O portador deste anúncio tem direito a 10% de abate

35, RUA DE SÃO DRUJO, 40

EUREKA

MALETAS DE CABEDAL

em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabricante

— EM —

A ORIGINAL

RUA DA PALMA, 266-A

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo \$50

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofort \$50

O que é ser socialista, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha \$50

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva \$150

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar \$100

Milhares de curas



HERPETOL

Unicoremedo eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingredientes que aos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico, o qual receitou um frasco de HERPETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, tornando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiram-se suavemente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

E' recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas e mordeduras de insectos.

A' venda em todas as farmácias e R. da Prata, 257, Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

TUDO AOS MONTES



ALFREDO CAVALEIRO

VENDE ESTAMPAS, FUMAR, AFILAR, LANCAR, RUA ESTRELA, LOPES VIEIRA, 25

ANIMATÓGRAFOS, FILMES, MERCADORIA, TESOURARIA, MODAS, LETRAS, ESMALTADAS

(A todos interessa)

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º

Telefone N. 4663

Acabam de chegar muitos padrões de boas fazendas de lã para sendo directas das fabricas ao publico, que vendemos por preços muito baratos. Estambres e casimiras desde Esc. 1000 o metro, grande sortimento das principais fabricas do pais, e um escolhido sortido de tecidos estrangeiros que vendemos por preços sem comparação. Ha feitos e fazem-se por medida, sobretudo para homens e crianças desde Esc. 180\$00. Casacos de estabro desde Esc. 120\$00.

Tem filial para a sua enorme clientela.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, India, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, PREFERINDO

RECTAMENTE aos fregueses pelos preços 40 0/10 MAIS BARATO que o que os agentes levam a casa. FAZEM seus pedidos directos para serem bem servidos e rápidos a GRANDE FABRICA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que curam para sempre e levas esmaltadas para suas, estabelecimentos, etc., emblemas lindos e baratos para Sports, clubes, medalhas para corridas (triguetes de barba), Gilets mais baratos. Estojos de metal branco com maquina e lâminas Gilets 5000. Navalhas, maquinas para cortar cabelo, maquinas de 4 rolos para as afiar. Tesouras finas superiores a 1200 que outros vendem a 2000 e canetas de tinta permanente com pena de ouro a 1000, que os outros vendem pelo dobro, canivetes, CARIMBOS, numeradores a tinta, a repulção o numero não se apaga, ditos para chuma a picotar o numero e com data, selos em branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e repartições, sinetes para lacre e roupa, etc., alcaetes de selar, marcas a fogo, alcaetes de metal para sardinha, fichas de metal para jojo, cales, fabricas, etc. Esses lindos naves a Freire, em arco e com braço e monogramas, cunhos importados do Portugal, chapas e letras para marcar canivetes e preços, lâmpadas e instalações electricas, isqueiros e pedras, etc., etc. UNICA na Europa completa. — A. L. Freire, 18 a 104, R. do Ouro — Telef. 333 — C. — Fazem a cobrança para tudo lhe reemeter.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 5 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Villar — 4 horas.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Pele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mario Oliveira — 12 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas.

Doenças das mulheres — Dr. Emilio Paiva — 4 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 10 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Cano e rádio — Dr. Cabral do Melo — 1 hora.

Rato X — Dr. Alea Salas — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriela Beato — 1 hora.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelarios

Grande sortimento em chapéus, flos e mechas em cores indianas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de gala e de festa

FLAMÃO

Chapeu mole, novo modelo americano muito elegante, só na A SOCIAL

Cooperativa

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

— ESTABELECIMENTOS —

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 50 52

FABRICA DE BONETS — Chapeu modelo Jours (Exclusivo)

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Ferno Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

Livro util ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

31-10-1926

OS MISTERIOS DO POVO

N.º 847

a policia... e, mostrando-se tão partidário do provisorio como a Assembleia Nacional, decreta que todos os ladrões sejam provisoriamente pendurados nos candieiros... Ainda agora, passando eu pelo cais de Voltaire, vi La Fayette que lá passar em revista os batalhões aquies, (1) formados no cais. Eu, convencido da conveniência de nos reunirmos em volta dum chefe, cedi a um movimento de atracção que me impelia para o famoso cavallo branco...

—Sr. La Fayette, lhe disse eu, há mais dum ano que digo mal de si, e ainda hoje o penso... Agora é que o senhor me podia convencer da minha injustiça, e para isso basta-lhe salvar a causa, pública.

—Sempre vi em si um bom cidadão, me respondeu o general, estendendo-me cortezmente a mão; o perigo comum reuniu todos os partidos. Já não há na Assembleia Nacional senão um único pensamento.

—Um único pensamento?! — lhe repliquei eu. Acho pouco, para uma Assembleia tão illustre. Mas então porque é que esse único pensamento friza em todos os seus documentos a ideia do rapto do rei, enquanto o Executivo escreve à Assembleia que parte e que ninguém o raptou?

—Eu perdoo a um servo que mente com receio de que o ponham na rua se disser a verdade. Mas não me parece que a Assembleia seja serva do Executivo, quer presente, quer evadido. A Assembleia tem ao seu serviço três milhões de lanças ou baionetas... Donde lhe proveu então a baixosa ou traição que lhe ditou semelhante mentira?... O rei raptado!... O general respondeu-me que a Assembleia corrigiria este erro de redacção, e acrescentou repetidas vezes: «O procedimento do rei foi muito infame.»

Camilo Desmoulins interrompeu-se ao ver entrar na sala Robespierre, e vai para descer da tribuna, dizendo em tom da mais cordeal deferência:

(1) Nome que se dava aos soldados constitucionais. Os absolutistas chamavam-se brancos.

N. do T.

—Ai vem o meu amigo e mestre... pertence-lhe a palavra!...

Se não fosse a esperança de ouvir um discurso de Robespierre, o publico teria certamente reclamado a continuação do espirituoso discurso de Desmoulins. Robespierre era um dos mais apreciados oradores do Clube dos Jacobinos, e bem merecia este lisongeiro conceito pelo seu admirável talento, pela sua infatigável energia, pela elevação dos seus sentimentos, pela sua austeridade e pela sua dedicação à causa revolucionária. Infelizmente, esta medalha tinha um reverso: Robespierre levava ao último extremo a sua desconfiança contra os homens, mostrando-se ás vezes sombrio, suspeito, a ponto de ser induzido a praticar injustiças para com cidadãos tão dedicados como ele próprio à causa pública, mas que pretendiam defendê-la de modo diferente do dele.

Fez-se na Assembleia um profundo silêncio. Cessaram as conversações particulares, e Robespierre appareceu na tribuna. O seu semblante, ordinariamente impassível como uma máscara de mármore, revela agora uma amarga ironia, e o grande orador exprime-se assim, com voz breve e sonora:

—Não é a mim, cidadãos, que poderia parecer desastrosa a fuga do primeiro funcionário do Estado... Este dia podia ser o mais belo de toda a Revolução... e ainda o pode ser! A economia de quarenta milhões que custava a sustentação do individuo real seria o menor dos beneficios desse dia. Mas para isso, cidadãos, era preciso tomar medidas diferentes das que a Assembleia Nacional deliberou... e eu aproveitei um momento em que está suspensa a sessão da Assembleia para vir aqui tratar dessas medidas... que lá me não deixaram propor.

«O rei escolheu, para abandonar o seu posto, o momento em que os padres tentam sublevar contra a Constituição todos os cegos ou idiotas a cujos cérebros não chegou ainda a luz da filosofia, o momento em que o imperador da Austria e o rei da Suécia estão em Bruxelas para receberem este rei desertor

e prejuizo... Isto não me assusta a mim!... Pode a Europa coligar-se contra nós, que a Revolução há-de vencer a Europa!

«Não! eu não temo os reis coligados... O que me assusta é ouvir os nossos inimigos dizerem o mesmo que nós... é ouvi-los reclamar, como nós, a união de todos para a defesa da Constituição... Luis XVI não conta só com o apoio das forças estrangeiras para entrar triunfante no seu reino; também conta com o auxilio dum partido no interior, que usa hoje a máscara do patriotismo... e a Assembleia Nacional é cúmplice deste partido!»

Esta nova afirmação, tão clara e tão precisa, do culpado procedimento da Assembleia Nacional, provocou de novo os murmúrios dos jacobinos e os aplausos do publico. Esperava-se com ansiosa impaciência que Robespierre assinalasse o que se devia fazer para que o dia da fuga do rei fosse o mais belo dia da Revolução.

Robespierre prosseguiu com tom solene:

—«O que acabo de dizer é a pura verdade. Acaso podia eu dizer esta verdade no seio da Assembleia? Não... não me ouviriam. Ah! eu bem sei que é perigoso para mim o fazer esta denuncia; mas que importa, se ela é útil à causa pública?... Esta denuncia afia contra mim mil punhais! Eu fico sendo alvo do odio dos meus colegas da Assembleia, quasi todos contra-revolucionários... uns por ignorancia, outros por terror... outros por certos ressentimentos pessoais, outros por diversos motivos... Ficarei alvo do odio, condenado à morte... bem sei!

«Ah! quando, ainda desconhecido, eu vim sentar-me na Assembleia, não o fiz sem fazer também o sacrificio da minha vida à Liberdade e à Pátria! Mas hoje, que tanto devo ao amor e ao reconhecimento dos meus concidadãos, aceitar a morte como um beneficio!... Ela me impediria de presenciar males inevitáveis!

«Acabo de fazer o processo da Assembleia... faça agora ela o meu!...

A peroração deste discurso produziu nos circunstantes profunda impressão; e, quando Robespierre desceu da tribuna, os jacobinos levantaram-se por um movimento espontâneo. Camilo Desmoulins precipitou-se para o orador, e, com as faces banhadas de lágrimas, abraçou-o e exclamou:

—Nós morreremos contigo!

Um dos caracteres salientes do génio de Robespierre é o de nunca arriscar o successo duma proposta, e daí vem a contradição entre o principio e o fim de seu discurso. Ele propunha-se evidentemente a aconselhar alguma medida pronta e decisiva contra o poder real e contra a Assembleia; mas apalpando o terreno e vendo que as medidas que queria propor provocariam a opposição dos Jacobinos, Robespierre julgou mais politico, mais prudente, contemporisar e apenas assinalar a Assembleia Nacional como suspeita.

Logo que Robespierre desceu da tribuna, entraram na sala Danton, homem enérgico e de acção, e depois La Fayette.

A presença destes dois homens, personificando a acção e a reacção, a revolução e a contra-revolução, provocou na assistência ruidosas manifestações que se traduziam em aclamações e assobios. O aspecto destes dois homens apresentava o mesmo contraste que as suas opiniões. O jovem marquês de La Fayette, de estatura elevada, esbelta e graciosa, era o tipo completo do grande senhor; trajava garridamente o seu uniforme de general comandante da guarda nacional. Ao entrar nesta sombria casa, ele podia ler os sentimentos hostis que provocava; e, contudo, avançava com tão aristocrático desembaraço como se entrasse num salão da corte de Versalhes. O seu semblante mostrava-o insensível ao perigo; o olhar fino, ás vezes indeciso e inquieto, revelava o politico hábil e enérgico, mas flutuando sempre à mercê das suas ambições, que mudavam segundo os acontecimentos que as produziam; enfim, o seu sorriso, quasi sempre alívio, cortez e insinuante, parecia procurar popularidade. Danton, jovem também, duma força



Trabalhos a apresentar ao Congresso Extraordinário dos Sindicatos Operários de Lisboa

O corte dos cabelos, relatado pelo Sindicato dos Operários Barbeiros

A moda ou costume das mulheres cortar os cabelos, em vez de, ser censurado pelos homens, é, mormente pelos operários e por todos os espíritos desmoralizados, que anseiam a libertação da mulher, deve por todos ser olhado com simpatia.

A trança, é um dos vários sinais que atestam a escravidão a que a mulher está sujeita há longos séculos. «Animal de ideias curtas e cabelos compridos», como a classificou um escritor conhecido, ela tem sido sómente considerada como objecto de prazer, a quem era negada a mais pequena parcela de liberdade. Sem direito a instruir-se, ou quando muito, instruída com uma educação fradesca, que lhe criou uma psicologia de inferioridade perante o homem, ela lutou com imensas dificuldades para provar a falsidade daquela deprimente classificação. Assim, nas ciências, nas artes, e em todos os ramos de actividade e sabedoria, onde tem podido dispor de recursos iguais aos dos homens, ela tem demonstrado cabalmente não ser mentalmente inferior.

Principalmente no período da grande guerra, quando os homens ocupados no tristíssimo papel de assassinos uns e dos outros, deixando a agricultura e as várias indústrias abandonadas, ela supriu admiravelmente o trabalho e a inteligência masculinos, provando mais uma vez não ser inferior ao homem.

Data principalmente desse período que a mulher começou a ser olhada com mais respeito, pelo homem, que lhe não pôde negar o valor ao seu trabalho e inteligência, nem vários direitos e regalias. Assim a mulher começou a ser empregada nos vários serviços, onde antes só eram admitidos homens. A mulher começou a ganhar, a poder satisfazer as suas necessidades, foi-se tornando independente, e conquistando cada vez mais regalias. Uma dessas regalias foi sem dúvida a liberdade de cortar o cabelo. Desmentida a sua inferioridade perante o homem, e provada a igualdade de capacidades intelectuais, só lhe faltou cortar a trança, o símbolo da escravidão. Só por esse facto, só pelo corte do cabelo representava mais uma parcela de liberdade conquistada, com tantos sacrifícios, pela mulher, que deve ser olhado com simpatia por todos os que anseiam a sua libertação e a da Humanidade. Mas nem só isso torna simpático e recomendável o corte do cabelo. A higiene da cabeça e a facilidade com que se penteiam são outras tantas recomendações ao corte dos cabelos. De resto: qual é a vantagem dos cabelos compridos?

Não será apenas um preconceito e o espírito de superioridade e escravidão, filhas sem dúvida duma falsa educação, que leva muitos homens a odiar o corte de cabelo nas mulheres?

A beleza? Mas que beleza tem uma trança enrolada servindo de recipiente de poeiras, provocando suores etc.? Se alguma beleza existe numa pujante trança, só pode ser verificada e apreciada deixando-a estendida pelas costas abaixo. Uma vez que para comodidade e necessidade dos movimentos no trabalho se enrola, não será preferível cortá-la? E' principalmente a mulher operária que o costume do cabelo cortado traz grandes vantagens. Não dispendo de tempo e comodidades para tratar da higiene da cabeça e do cabelo, facilitaria estes casos os cabelos curtos.

E no entanto constatamos com pesar ser no meio proletário, onde não só o costume de cortar os cabelos tem encontrado menos adeptos, mas, o que é mais, onde tem encontrado mais oposição e censura. Nós, que desejamos a emancipação do proletariado, temos assistido a várias cenas tristes, desmoralizadas por operários, de hostilidade às mulheres que se libertaram do anti-higiénico rabicho, cenas que vão desde as vaias e assuadas nas ruas até a paragem em frente de cabeleiros largando chufas e improperios.

Conclusões? Nem esta tese as tem, nem nós as desejamos. Partidários da maior liberdade, não desejamos que os delegados a este congresso tomem o compromisso de ir para as suas respectivas classes impô-lhes o corte dos cabelos. Com este nosso desinteressado esclarecimento, e defesa do costume do corte do cabelo, desejamos apenas defender a liberdade de a mulher usar o cabelo como entender. Assim como não censuramos as que usam o cabelo comprido, defendemos o mesmo direito àquelas que mais educadas reconheceram a inutilidade da trança e a cortaram.

Já que nós não podemos libertar, deixemos ao menos libertar os cabelos!

Lisboa, 27-X-26. Os delegados do Sindicato dos Operários Barbeiros de Lisboa, —Adriano Tibúrcio Lopes, Alvaro Monteiro.

Parecer sobre a crise e horário de trabalho, na indústria de barbeiro e cabeleireiro

Prezados camaradas: A comissão delegada, pela União dos Empregados Barbeiros de Lisboa, ao Congresso dos Sindicatos desta cidade, depois de ter analisado as causas da crise de trabalho e falta de cumprimento do horário de trabalho na sua indústria reconheceu que, nesta classe, andam estreitamente ligados os dois assuntos, em virtude da crise de trabalho ser apenas as consequências da falta de cumprimento do horário de trabalho:

a) Os estabelecimentos laboram durante cerca de doze horas sendo apenas concedida, aos operários, uma hora para refeição, do que resulta um excesso de trabalho, não remunerado, de cerca de três horas; resultando um excesso de braços disponíveis;

b) Mantém este estado de cousas a ganância desmedida dos que têm trabalho, devida ao hábito deprimente da gorjeta que lhes aumenta sobre o salário e os faz esquecer a miséria alheia;

c) Também a elevação de mais quatro horas de trabalho aos sábados é uma das causas que os patrões aproveitam para não admitirem mais pessoal visto não verem absoluta necessidade de atender toda a clientela no prazo de oito horas.

CARTA DO PORTO

A famosa fábrica Cravel, obra prima da exploração industrial

PORTO, 29.—O forte bombardeamento celeste que as siderias correntes eléctricas desencadearam, formidavelmente, por desobediência às nossas cabeças aturdidas, e as impetuosas enxurradas que se despenharam das ares enegrecidamente enubladas para transformar as estradas, as ruas ou os largos em verdadeiros rios ou lagos com o respectivo acoreamento das saibredas arrastadas pelas caudais pluviosas—ainda não conseguiram sequer abalar a gravidade esfíngica da nossa querida fábrica de Cravel...

Ganhamos-lhe tanta afeição, que não podemos passar muito tempo sem que algumas relações acerca da sua saúde moral nos transplante nestas humildes colunas... Devemos principiar por defender a teoria que muitas vezes o estado opressivo existente numa casa fabril é própria obra do pessoal que não quizeu ou não soube a tempo expulsar do seu seio os daninhos «sopeiros» que tudo envenenam e enroscam. Se não fosse a «sopeira» de determinados sabões protegidos pela indolência dos outros operários que os toleram, os patrões, os gerentes talvez não fossem impelidos a ser tão ríspidos, tão vingativos, tão perversos. Por via de regra, era talvez certo que na curiosa fábrica de Clark & C.ª não se cometeriam tantos abusos, tantas perseguições, tantas patifarias. São os «sopeiros», os sevandijos, que fazem mais os ingleses. Exemplifiquemos a tese:

Há aproximadamente quatro meses, foram despedidos da Cravel dois operários serralleiros, sob a alegação pesada de que não havia serviço em reconhecida abundância. Naquelle estabelecimento fabricante de carrinhos de algodão só se querem operários para se «estamagarem» numa doida violência de trabalho. Desde que a Cravel assim, licenciou-se gente para que ficasse a trabalhar naquelas condições exigidas...

Entre os dois despedidos contava-se um tal Mota, o qual, parecendo não saber pelos motivos trabalhar em outra casa que não seja em Cravel, jurou, à fé de quem é, que havia de voltar para lá, ainda que fosse para outro serviço inferior—de limpa retrete, por exemplo... Havia de entrar no edifício produtor de Clark & C.ª ainda que tivesse de atropelar um outro ser semelhante, utilizando-o...

Assim endemoninhado neste férreo pensamento, azeiteu as suas baterias das chaginhas torpes em direcção aos umbrais da habitação do gerente: umas vezes ele, outras a sua mulher, abanaram-lhe a porta com cabazadas de frangos—para comoverem o gerente, para emocionarem a senhora deste ao ponto de preparar, por força que não por geito, um logarinho em Cravel, não já pelo amor de Deus, mesmo protestante, não já pela choramingueira—mas, que diabo! pela eloquência dos frangos, muito apetitosos e tenrínhos...

O ataque frangesco à porta do gerente, visando de preferência a sentimentalidade da esposa, foi tão duro e persistente, que...

INSTRUÇÃO

Novo ano lectivo na Universidade Livre

Continuam abertas as matrículas para os cursos fixos que esta colectividade mantém na sua sede, Praça Luís de Camões, 42-2.º, todos os dias úteis das 21 às 23. Os cursos são de português, francês, inglês, dactilografia, taquigrafia, caligrafia, geografia comercial e escultura, sendo dirigido por professores distintos e é fornecido no fim do ano, aos alunos, um certificado de aproveitamento.

Curso de profissional de escritório

Abrem no dia 8 de novembro as aulas deste curso mantido pela Associação de Classe dos Empregados de Escritório, na sua sede, rua da Madalena, 225-1.º, o qual é constituído pelas aulas de contabilidade, escultura, francês, português, inglês e geografia. Até aquela data continuam abertas as matrículas, atendendo-se os interessados todos os dias úteis, das 21 às 23 1/2 horas, na Secretaria da Associação. Todas as pessoas pertencentes à classe, mesmo sem serem ainda sócios, podem aproveitar este curso, cujas condições de matrícula são facilmente acessíveis.

Academia de Amadores de Música

Abre amanhã a matrícula para a aula de canto coral regida pelo maestro Fernandes Fão.

Em consequência do número extraordinário de alunos matriculados, foram desdobradas em turmas várias aulas, em virtude do que a direcção resolveu conservar ainda aberta a matrícula para as aulas de música de câmara, solfejo, piano, violino, viola, violoncelo, contra-baixo, harpa, instrumentos de sopro, harmonia, acústica, estética, história da música, português, francês, inglês, italiano e alemão.

Caixeiros de Lisboa

E' amanhã, pelas 21 horas, que reabrem as aulas desta Associação. As matrículas continuam abertas até 30 de Novembro.

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Na secretaria da 2.ª secção desta Universidade, instalada na rua do Paraíso, 28, 1.º, continuam abertas as matrículas todos os dias das 13 às 15 horas e das 17 às 19 horas, para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, caligrafia, português, francês, aritmética e escultura comercial, podendo inscrever-se nestes cursos, como alunos, todos os indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos de qualquer profissão.

MOLDADOR

Precisa-se na serração da Rua da Atalaia, 28.

CARTA DO PORTO

A famosa fábrica Cravel, obra prima da exploração industrial

PORTO, 29.—O forte bombardeamento celeste que as siderias correntes eléctricas desencadearam, formidavelmente, por desobediência às nossas cabeças aturdidas, e as impetuosas enxurradas que se despenharam das ares enegrecidamente enubladas para transformar as estradas, as ruas ou os largos em verdadeiros rios ou lagos com o respectivo acoreamento das saibredas arrastadas pelas caudais pluviosas—ainda não conseguiram sequer abalar a gravidade esfíngica da nossa querida fábrica de Cravel...

Ganhamos-lhe tanta afeição, que não podemos passar muito tempo sem que algumas relações acerca da sua saúde moral nos transplante nestas humildes colunas... Devemos principiar por defender a teoria que muitas vezes o estado opressivo existente numa casa fabril é própria obra do pessoal que não quizeu ou não soube a tempo expulsar do seu seio os daninhos «sopeiros» que tudo envenenam e enroscam. Se não fosse a «sopeira» de determinados sabões protegidos pela indolência dos outros operários que os toleram, os patrões, os gerentes talvez não fossem impelidos a ser tão ríspidos, tão vingativos, tão perversos. Por via de regra, era talvez certo que na curiosa fábrica de Clark & C.ª não se cometeriam tantos abusos, tantas perseguições, tantas patifarias. São os «sopeiros», os sevandijos, que fazem mais os ingleses. Exemplifiquemos a tese:

Há aproximadamente quatro meses, foram despedidos da Cravel dois operários serralleiros, sob a alegação pesada de que não havia serviço em reconhecida abundância. Naquelle estabelecimento fabricante de carrinhos de algodão só se querem operários para se «estamagarem» numa doida violência de trabalho. Desde que a Cravel assim, licenciou-se gente para que ficasse a trabalhar naquelas condições exigidas...

Entre os dois despedidos contava-se um tal Mota, o qual, parecendo não saber pelos motivos trabalhar em outra casa que não seja em Cravel, jurou, à fé de quem é, que havia de voltar para lá, ainda que fosse para outro serviço inferior—de limpa retrete, por exemplo... Havia de entrar no edifício produtor de Clark & C.ª ainda que tivesse de atropelar um outro ser semelhante, utilizando-o...

Assim endemoninhado neste férreo pensamento, azeiteu as suas baterias das chaginhas torpes em direcção aos umbrais da habitação do gerente: umas vezes ele, outras a sua mulher, abanaram-lhe a porta com cabazadas de frangos—para comoverem o gerente, para emocionarem a senhora deste ao ponto de preparar, por força que não por geito, um logarinho em Cravel, não já pelo amor de Deus, mesmo protestante, não já pela choramingueira—mas, que diabo! pela eloquência dos frangos, muito apetitosos e tenrínhos...

O ataque frangesco à porta do gerente, visando de preferência a sentimentalidade da esposa, foi tão duro e persistente, que...

CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

A finança internacional sente-se em grandes apuros

O famoso manifesto dos banqueiros, que tão falado tem sido, não é mais que um documento a comprovar a desorganização capitalista. Assoberbado por uma grave crise, cujas causas estão na sua própria existência, o capitalismo quer recorrer a todos os meios para se salvar de circunstâncias irremediáveis.

Em resumo, o manifesto dos banqueiros só tem valor pelas assinaturas de magnatas da Alemanha, Áustria, Bélgica, Checoslováquia, Dinamarca, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Hungria, Itália, Noruega, Polónia, Romenia, Suíça e Suécia.

Os banqueiros pronunciaram-se contra o regime aduaneiro de taxas elevadas; licenças especiais e proibitivas, porque dificultam o comércio. Era manifesta a sua hostilidade à novas fronteiras alfandegárias, comparando a situação europeia à de um estado confederado que houvesse cortado os laços que unem os seus elementos, de modo que um perdia as suas provisões de alimentos baratos e outro as manufacturas de baixo preço.

Dizem os mesmos banqueiros que inúmeras indústrias se fundaram sem uma base económica, as quais só se podem defender com as mais altas pautas aduaneiras. Estabeleceram tarifas ferroviárias por interesses políticos. Os comerciantes consideram o comércio como praça de guerra e daí ter-se elevado os preços, diminuindo a produção e passou a viver-se de crédito.

O manifesto dos banqueiros documenta, pois, com autoridade incontestável no assunto, a tremenda ruína da sociedade capitalista.

Progressos da aviação

Foi batido o «record» da distância

PARIS, 30.—Segundo notícias recebidas da Pérsia, os aviadores Costi e Rignot, que na quinta-feira levantaram vôo do aeródromo de Le Ponget para tentar bater o «record» de distância em linha recta sem escala, aterraram em Jank, na Pérsia tendo percorrido 5504 quilómetros em 32 horas.

Os aviadores bateram assim o «record» anterior por 380 quilómetros.—L.

Cristóvão Colombo

Pretende-se erigir um farol à sua memória

SÃO DOMINGOS, 30.—O Congresso votou 300.000 dólares para fundo de construção dum grande farol, em memória de Cristóvão Colombo.

O governo vai submeter a proposta à aprovação dos restantes países das duas américas.—L.

A fúria dos elementos

Um violento abalo sísmico

NEW-YORK, 30.—Segundo comunicam de Manila (Filipinas) fez-se ali sentir um violento abalo sísmico, que causou grande número de vítimas e elevados prejuízos.—L.

D arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado

Publica-se o que o «Diário de Notícias» deslealmente escondeu

Ao *Diário de Notícias* foi dirigido pela comissão administrativa do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste um comunicado acerca do arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado. Como aquele jornal lhe recusou publicidade, passamos a reproduzi-lo na íntegra:

Tendo lido na primeira página do jornal que v. proficentemente dirige, datado de 23 do corrente mês, uma local com o título acima descrito, em que se afirma que o ministro do Comércio, na segunda redacção das bases do arrendamento, tinha atendido as reclamações que, nos termos mais correctos e sensatos, o Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, que modestamente representava, tinha formulado e entregue em 30 de Setembro último, permitia-nos v. que, para melhor esclarecimento público, completemos a referida notícia.

No relatório-exposição entregue ao Governo, contestámos respeitavelmente a ideia do arrendamento, fundamentando a nossa discordância em dados estatísticos e razões de carácter profissional, colhidas na longa prática da indústria ferroviária e no saldo positivo que a exploração das linhas do Sul e Sueste está dando e que cada vez mais se acentua e preconizando sim, a factura duma nova «Organização dos Serviços» por quem de direito e a Administração e Direcção exercida por técnicos, de reconhecida competência técnica e moral, pouco importando a sua proveniência.

Só em última instância aceitáramos o arrendamento e nessa conformidade, analisávamos as primitivas bases, alvirando em relação a cada uma, o que os ferroviários julgavam preciso, para defesa de direitos adquiridos, em longos anos de exaustivo trabalho.

Não foram apenas quatro as alterações apresentadas, como se poderá verificar pelo documento a que nos reputamos, transcrito no nosso jornal corporativo *Sul e Sueste* e que temos a honra de enviar a v. pelo mesmo correio em que o presente ofício segue, mas, em todo o caso, é digna de ponderação, por parte dos ferroviários, a atitude e resolução do ministro do Comércio.

Se a exposição entregue ao Governo, foi considerada pelo titular da pasta do Comércio e por v. «como correcta e sensata» como se compreende que, contra os homens que sensata e correctamente estudaram o problema e a boa paz o apresentaram a quem de direito, pretendendo evitar um possível conflito, em que todos perdessem—público, Estado e pessoal—seja justamente contra os signatários desse documento colectivo, que lancem perseguições e ameaças de privação de liberdade?

Conhece o ministro do Comércio esta injusta e insolita ameaça?

Não haverá neste extranhável caso, mão tenebrosa que, iludindo as autoridades, pretenda um lamentável conflito, que só poderá convir aos pescadores de águas turvas?

Creia v., sr. director, que o *Diário de Notícias* para evitar propositadas confusões, prestaria um bom serviço, publicando o presente documento na íntegra e em local bem visível.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinkof. Preço 1550.

Luta de classes

O conflito mineiro em Inglaterra

LONDRES, 30.—A atitude assumida pelo conselho geral do congresso dos sindicatos, toda a esperança dum favorável desenvolvimento do conflito mineiro. Na conferência de ontem à noite foi apresentada a proposta governamental para solução da greve, a qual comporta o estabelecimento de acordos regionais, pelo imediato regresso ao trabalho, dentro das horas e salários nacionais, e devendo as questões de princípios serem resolvidas por um tribunal independente.

A comissão executiva deseja conhecer a opinião da conferência dos delegados mineiros, que deve reunir-se quinta-feira próxima.

Os pedidos de subscrição e embargo do *carvão estrangeiro*, formulados na última reunião daquela conferência, serão aceites individualmente pelas uniões na terça e quarta feiras próximas, e as suas deliberações comunicadas aos delegados mineiros na quinta-feira.

Calcula-se que as uniões se pronunciem contra aqueles pedidos, recomendando-lhes, pelo contrário, a aceitação de propostas medianeiras, como único meio de saírem dasua deses perada posição.—(L.)

Depois do regresso ao trabalho dos mineiros

LONDRES, 31.—Graças ao regresso ao trabalho de grande número de mineiros, pela primeira vez, desde o início da greve, a produção do *carvão* na semana que finda ultrapassou um milhão de toneladas.

Existe a maior esperança no regresso ao trabalho por meio de acordos regionais, cujas grandes linhas constituiriam seguidamente um acordo nacional.—(L.)

Prosseguem as conferências sobre o conflito mineiro

LONDRES, 30.—A comissão executiva da federação dos mineiros reúne-se na terça-feira com a sua similar da união dos trabalhadores de transportes, para discutir as possibilidades do embargo do *carvão* estrangeiro. O conselho geral do congresso dos sindicatos tem prosseguido nas suas conferências com o governo.—(L.)

A Batalha

No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Vida Sindical

Convocações

REUNEM HOJE:

Manipuladores de Pão.—A assembleia geral, pelas 19 horas, para nomear os delegados ao conselho da Federação dos Operários do Ramo de Alimentação. Ocupar-se-há também da fundação de uma escola de primeiras letras e instrução primária que em breve dias começará a funcionar na sua sede, estando já aberta a inscrição para ambos os sexos, menores e adultos.

A referida escola funcionará tanto de dia como de noite.

Tratará também de diversos assuntos colectivos.

Federação Corticeira Nacional.

Pelas 11 horas, na sede, em Muteia, o conselho federal deste organismo para assuntos de importância.

E' indispensável a comparência de todos os delegados.

Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa.

Comissão de Melhoramentos e Administrativa.—Estas comissões reúnem em conjunto na 3.ª feira, 2 de Novembro, pelas 21,30 para resolver de melhor forma de se constituir um órgão corporativo em Lisboa e apreciar o trabalho pró-campanha contra o uso de carroças de mão.

Comunicações

Descarregadores de Mar e Terra.

Reuniu a assembleia geral, apreciando a campanha de descridito feita por elementos estranhos à classe contra o secretário geral do Sindicato, Manuel Rodrigues, que explicou largamente à assembleia os motivos que movem alguns desses elementos, cujo despeito é manifesto.

A assembleia manifestou-se contra as cábulas bolsadas contra Manuel Rodrigues, resolvendo exarar na acta um protesto contra os indivíduos seus autores.

Em seguida a assembleia ocupou-se do movimento da União Fabril e da forma como alguns camaradas foram para ali trabalhar.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil.

Reuniu a comissão administrativa que apreciou o pedido de demissão do secretário geral baseado em questões de trabalho do mesmo organismo.

Os restantes membros da comissão administrativa fizeram sentir a este camarada que era melhor aguardar o fim do ano, com o que ele concordou.

Foi tomado em consideração um ofício dos presos sociais de Monsanto que foi entregue pela Federação da Construção Civil.

Torres Novas

Um ministro de Deus que agride selvaticamente suas próprias irmãs

TORRES NOVAS, 29.—Certamente que os leitores ainda se lembrarão dum artigo em que puzemos em relevo, com dados concretos que nunca foram refutados, a abjecta figura moral do padre Joaquim Mourão, da vizinha aldeia do Alqueidão, conselho de Torres Novas.

Na notícia que então publicámos acusámos o dito reverendo de atentar contra o pudor de algumas raparigas, na sacristia da própria igreja.

Todos nós, os desmoralizados da consciência, sabemos de sobejo quão horrível é a coacção que os padres hoje exercem sobre esse povo das várias aldeias do país, coacção ora exercida sob a ameaça brutal do espancamento, ora sob a força estulta dum quimérico castigo divino e daí a nossa dificuldade em colher várias e interessantes acontecimentos, pois, infelizmente, povoações existem em que o povo sofre com uma resignação vexatória e degradante todos os nefandos delitos cometidos pelos vigários de Deus na terra que presentemente se julgam em país conquistado.

Depois destas breves palavras à guisa de preâmbulo, nós vamos entrar no assunto que nos levou a redigir estas linhas, que é o seguinte:

Como já por outra vez dissemos, o padre J. Mourão tem várias irmãs, as quais habitam juntamente com ele e sofrendo-lhe as mais vis imposições, tendo nós também já relatado nestas colunas um caso extraordinário sucedido entre o citado tonsurado e uma sua irmã.

Porém, agora chega-nos a informação de fonte fidedigna, de que este reverendo, certamente levado pelo intuito religioso de «não maltratar o seu semelhante», agrediu, não sabemos a que pretexto, nem isso nos interessa para o caso, selvaticamente uma sua irmã, de nome Olinda Mourão, deixando-a, ao que parece, em mísero estado.

Este canalha, talvez meditando na infâmia que praticou e julgando que da sua algem tiveness presenciado a cena, safu clere para a mesma a fim de indagar se algum estava perscrutando o que se passava.

Já na rua e postado em frente da sua habitação, reparou ele que sua irmã, que havia minutos antes havia zurrado, o espreitava por detrás dos vidros da janela da sua casa.

O padre Mourão, acometido ainda pela cólera e ao vêr que sua irmã o espreitava apanhou uma pedra e, acto contínuo, arremessou-a violentamente contra sua irmã Olinda, que só por milagre não ficou com o rosto completamente esfacelado, tendo, não obstante, estilhaçado quasi todos os vidros da referida janela.

Aqui têm, pois, os leitores de *A Batalha* bem patente a grande consideração que os padres têm pelo preceito religioso «não maltrates o teu semelhante», preceito que eles tanto louvam e exaltam, e a maneira torpe e vil como eles praticam esse e todos os outros preceitos que impingem aos papalvos como sendo ditados pela lei divina...—C.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas.....	550
O sentido em que somos anarquistas	350
A peste religiosa.....	450
A Liberdade.....	550
A Internacional (música e letra).....	350
Pedidos à A BATALHA ou no Caiso Sodré, 82	